

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

### Transcrição da Entrevista<sup>1</sup>

**Entrevistadores:** Marina Fenicio S. Batista, Mariana G. Leme e Guillermo M. Gumucio

**Entrevistados:** Francis de Souza e Mestre Wilson Aguiar

**Local:** São Paulo/Recife - 18 de maio de 2023

**Duração:** 1 hora e 42 minutos

Entrevista realizada na plataforma do Google Meet em formato on-line à distância.

---

### Um grupo que dança e os Brincantes das Ladeiras de Olinda/Pernambuco

**Entrevistadores:** Marina Fenicio S. Batista, Mariana G. Leme e Guillermo M. Gumucio

**Entrevistados:** Francis de Souza e Mestre Wilson Aguiar

**Marina Fenício:** A gente pensou de vocês contarem, como foi essa história do frevo na vida de vocês, como que o frevo surgiu na vida de vocês e aí pode contar também como vocês se conheceram no frevo, conta pra gente. Sei que Francis ia no baile, no baile. No clube das Pás aí onde era?

**Francis Souza:** Veja só, somos do mesmo bairro né. Ele conhece, ele é amigo do meu irmão todo mundo se conhecia...

**Marina Fenício:** Qual o bairro?

**Francis Souza:** entre Afogados e Mostardinha, nesse convívio dessa comunidade, e como o bairro de Afogados e Mustardinha é muito perto do centro da cidade, ele era o segundo polo carnavalesco né, todas as agremiações que desfilavam no São José passavam por Afogados e muitas vezes dependendo, pela Mostardinha porque a Mustardinha ela tem, vai me ajudando aí, lenhadores, vassourinhas, tem um outro clube que nem existe mais e o inocente, tinham várias agremiações de frevo que...

**Wilson Aguiar:** Tinha o Elite também.

**Francis Souza:** Então já fermentava o carnaval, tanto tinha os caboclinhos, o bairro tem os caboclinhos, tinha boi...

**Wilson Aguiar:** Troça do cachorro louco...

**Francis Souza:** Então a gente já nasceu num berço muito efervescente de cultura, do boi, agremiação carnavalesco e samba, escolas de samba também Qual era o nome do que tu desfilava?

---

<sup>1</sup> O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

**Wilson Aguiar:** Samarina

**Francis Souza:** Então a gente foi criado nesse meio, mamãe mesmo esperava papai tomar umas e outras durante o carnaval, para de noite por causa que as agremiações só passavam tarde da noite. Tipo depois das 23 horas. da noite papai tomava cervejinha dele, e de noite ia dormir, ele não deixava naquela época, não deixava todo mundo sair, principalmente a mulher né, Mas mamãe deixava ele beber, beber, beber, quando era de noite, puxava a corda de caranguejo dela, os filhos, e assistia o desfile das agremiações. eu era pequenininha, eu lembro, segurando a mão do meu irmão menor, da minhas irmãs eu vi o vassourinhas desfilar, eu vi o batutas desfilar, isso pequenininha, Isso ia até uma hora da manhã. A gente brincava o dia todinho, dava 4 horas da tarde comia, jantava, ela botava todo mundo para dormir, pra de 22 horas da noite, acordar tudinho, isso já me encantou! Eu já era apaixonada pela arte, pelo colorido, pela luz, então isso já tá inserido no meu DNA.

Nisso, a formação estudantil, meu primeiro contato foi com bumba meu boi, na escola pública, eu participava do bumba meu boi, passou-se o tempo, fui para escola técnica conheci o pessoal de teatro, e me envolvi com o teatro. Nisso, a gente já namorava né, Eu já com 19 anos e já namorava porque ele como amigo meu irmão, me chateou o juízo, (risos) e a gente começou a namorar, nisso tanto eu como ele tem formação de escola técnica, a antiga Escola Técnica que hoje é o Instituto Federal né, IFPE. E nisso saiu a minha formação de artes cênicas, de lá, porque de lá, do IF eu fui fazer artes Cênicas E nas artes cênicas a gente tem que aprender tudo né?! É dançar, cantar, tudo, tudo, então eu me apaixonei pela dança também, e aí veio o frevo, que um dos meus primeiros professores de frevo foi Otacílio e Valdir, Valdir Nunes são meus mestres, meus primeiros mestres. Aí foi quando Wilson disse: -Bora para escola de frevo? - Aí foi quando eu conheci o Nascimento do Passo, na escola do frevo, então aí foi desenvolvendo foi se aperfeiçoando e foi quando começou a formação dos brincantes das ladeiras, que foi essa brincadeira de ir para Olinda, indo brincar, conhecendo pessoas, amigos, que gostavam de dançar e pediam: - Poxa Vocês dançam diferente, (que a gente sempre Dançou frevo de rua né, o Popular é mais solto, então, não era aquele muito coreografado, Era só para espetáculos mesmo, mas quando a gente ia para rua, ia com aquilo que a gente aprendeu com o Nascimento.

Então a gente foi e todo ano, brincando e brincando, aí veio uns amigos e dizia assim: - bora se juntar, vamos ensinar, esse passo... Aí a gente aproveitou um projeto, que depois Wilson detalha esse projeto, que foi o cadeira das Calçadas de Marisa para apresentar ainda não tinha nem nome, pra apresentar os brincantes das ladeiras, e a gente criou uma ideia, Marina que era dona projeto do cadeiras das calçadas de Olinda, ali nos quatro cantos de Olinda aí ela, junto com ela, a gente criou o nome, a gente fez um esquete, o nome do espetáculo era imagens e a gente falava dos ícones de Olinda, das pessoas que estavam ali envolvidas. E por que isso? para a gente chamar atenção para o grupo, para que as pessoas fossem frequentar as aulas, que começou no mercado da Ribeira, depois a gente foi para a praça Laura Nigro, que é no mesmo ambiente, no mesmo espaço, e até hoje, 14 anos vai fazer esse ano com o grupo brincantes das ladeiras.

**Marina Fenício:** Olha, foi o frevo que uniu vocês!

**Francis Souza:** A gente teve um pessoal que começou com a gente de pequenininho, que é a Maine que é a Mariana Ingrid, a Maine, nossa instrutora, Maria Flor, vai me ajudando, Hellen, Hellen que começou hoje. Eduardo, tem pessoas que estão hoje e tem pessoas que já passaram pelo grupo que hoje tem seus

grupos

**Marina Fenício:** Que legal!

**Francis Souza:** Com as formações né?! Alex, né?

**Wilson Aguiar:** Alex!

**Francis Souza:** Ele tá com um grupo lá no Dona Lindu, ele dá aula lá na praça Dona Lindu, então ramificou, o grupo ramificou. E a história dos Brincantes das Ladeiras é um grupo que se encontra para falar e brincar o frevo. O formato dessa brincadeira, que vocês devem perguntar daqui a pouco, aí eu...

**Marina Fenício:** Era exatamente isso!

**Francis Souza:** É um resumo do encontro, o resumo é esse. E a gente, eu e Wilson, a gente se afinou na história da arte, ele gosta de dançar, eu já venho das Artes Cênicas.

**Marina Fenício:** E você Wilson quer complementar a história de amor no frevo?

**Wilson Aguiar:** Bem, de fato né, quando eu dançava lá trás, a música americana, música francesa, né, então foi nessa época que eu conheci Francis, inclusive né, porque eu ia para as baladas, hoje é balada né, antigamente não era balada?!

**Francis Souza:** (Risos) Era discoteca, (risos) discoteca.

**Wilson Aguiar:** E nessas idas, eu conheci Francis e a gente se afinou nesse universo da dança. E a gente saía para alguns eventos e depois dessa afinação, dessa aproximação, que nós tivemos, nós passamos a estudar dando uma leve parada, porque o estudo requer que você, ou você se entrega ou você não aprende algo que você tá focado a aprender.

Então, na minha formação eu fiz uma formação de mecânica industrial, então eu me formei na escola técnica como ela falou, a antiga Escola Técnica que hoje é o IF [Instituto Federal]. Me formei em Mecânica Industrial e me especializei em Desenho Industrial, hoje eu atuo na área de desenho Industrial né, como profissional, eu digo sempre que o desenho industrial é uma área para fazer com que eu sobreviva financeiramente e o frevo é uma área para fazer com que eu sobreviva espiritualmente, sabe então essa essa concatenação dessas duas áreas me fortalece para enfrentar o dia a dia né, a batalha do dia a dia.

A capoeira entrou depois que eu estava finalizando o curso de mecânica, eu comecei a jogar capoeira porque eu necessitava também de exercitar o corpo e eu sempre gostava de exercitar como eu estava muito parado na dança por conta dos estudos eu comecei a jogar capoeira E aí vim jogando Capoeira vim jogando Capoeira, cheguei a dar aula de capoeira, naquela época eu era contra mestre, eu era instrutor era coisa desse tipo, mas nada oficial era só um cara que já sabia movimentos e queria passar para os amigos. E nessa nessa evolução dos tempos, eu, como lá em casa né, lá na minha vizinha, que era o meu vizinho né, ela tinha uma tribo de caboclinhos é uma tribo de índios caboclinhos e meu pai, meu pai era meio né, tinha aquela educação mais antiga, ele não deixava a gente sair à noite justamente para a gente não se, a gente não se contaminar com o ambiente, porque era um bairro muito violento né, era um bairro onde é o os os

frequentadores daquele bairro, a maioria deles, eram viciados em drogas, então meu pai tinha o maior cuidado para que ele não perdesse a gente pelo mundo da droga, do vício né, ele tinha esse cuidado e hoje agradeço a ele pela forma com que ele nos orientou. Mas ele nos podava de sair à noite em alguns momentos. Então essa tribo que tava de lado de casa, ele não deixava a gente sair para o ensaio, mas eu ficava dentro de casa observando né, aqueles movimentos daqueles movimentos dos caboclinhos daqueles meninos ensaiando, aquelas meninas ensaiando, então aquilo ficou registrado na minha mente e a partir do momento que eu comecei a jogar capoeira, eu comecei a resgatar aqueles aqueles movimentos que estavam lá no meu subconsciente Mas isso ainda não era, não tava completado porque era muito distante do Caboclinho com a capoeira tinha uma certa diferença uma certa distância. Só quando eu me encontrei no frevo é que eu consegui linkar realmente o universo entre o frevo e o caboclinho e a capoeira eu fiz uma fiz uma mistura botei no liquidificador os três e hoje eu consigo fazer algumas coisas dentro dessas possibilidades desses movimentos né, desses, a destreza também da capoeira me ajudou muito né no desempenho do frevo né, e a linha de raciocínio a memória que eu tinha dos movimentos dos caboclinhos também me fez ficar um pouco criativo do ponto de vista de movimento e da dança do frevo. Então essa é hoje até hoje eu tô é fundamentalmente na dança do frevo e ainda é fazendo jus a essa coisa da criação da origem do frevo, eu tenho uma atividade paralela e pratico o frevo, até porque o frevo é uma dança que veio das classes operárias então eu ainda consigo dar continuidade né, a essa essa história essa história né do final do século 19, eu tô falando aí de 1888 para cá, nessa faixa aí então é bem por aí meu breve resumo,

**Mariana Leme:** Obrigada! A Francis falou que existe uma diferença entre o que vocês praticam nos brincantes que é mais solto do que o frevo mais coreografado e Wilson também falou dessa história da Capoeira, eu já ouvi dizer também, que tem uma origem comum, talvez a capoeira e o frevo, vocês poderiam falar um pouco desse aspecto mais histórico do frevo, o que é o frevo, como ele se tornou hoje, o que ele é hoje, para quem não conhece, por favor.

**Wilson Aguiar:** Bem falando do frevo, enquanto dança, falando do frevo enquanto música e falar do frevo enquanto indumentária. O frevo, ele abrange os fazedores do frevo, ele abrange todo esse universo da música, da dança e da indumentária e dos acessórios também né, mas do ponto de vista da música, o frevo enquanto música, ele vem lá, né a partir do final do século 19 1888 quando né, os escravos né, recém libertos, aqueles negros que eram escravizados foram libertos né, e a partir daí, a cidade né, o centro da cidade, principalmente aqui no Recife, Imagine que aquele pessoal todo que vivia nas fazendas trabalhando né, como escravos e agora eles estavam livres e migraram para cidade né, para o Recife e aqui no Recife, a cidade ficou muito cheia, a população aumentou, de pessoas, eu posso dizer desempregadas, porque enquanto na fazenda eles tinham alimentação né, uma série de “regalias” [sic], agora na cidade eles tinham que trabalhar para sobreviver então, alguns clubes, a gente vai começar a falar das agremiações, algumas Agremiações surgiram inclusive desses escravi... desses negros né, que ocupavam a que, eram tinha suas atividades como os carregadores de carvão, os estivadores começaram a trabalhar também como jardineiros como Mascates né, vendedores

**Francis Souza:** Na indústria têxtil

**Wilson Aguiar:** Na indústria têxtil, nas feiras como, carregando as feiras das pessoas. Então esses trabalhadores, ele aos poucos foram se reunindo e queriam nas horas vagas fazer alguma coisa que né, que

brincasse que passasse o tempo nas suas horas vagas, e eles por exemplo ele, os Carvoeiros que trabalham com carvão, eles saíam à noite com as enxadas né, com as pás, aquelas ferramentas deles, e com o passar do tempo aquilo foi criando uma agremiação, hoje esse, essa agremiação se chama o clube das pás, é um clube e ele foi criado em 1888 veja, é um dos mais antigos. Hoje ele reside, a sede é na Encruzilhada né, foi criada em...

**Marina Fenício:** É do lado da minha casa!

**Wilson Aguiar:** Pronto! Pelos favoritos de passagem é um dos clubes mais, é uma das agremiações mais organizadas que existe aqui na cidade do Recife, porque eles têm uma orquestra, todos os músicos têm carteira assinada, dentro de um grupo, tem um grupo de frevo que ensaia toda semana o passo né, então surgiram outros outras agremiações como lenhadores né, como vassourinhas né,

**Francis Souza:** Batutas

**Wilson Aguiar**

Batutas de São José, que era lá no...

**Francis Souza:** Lavadeiras, tem infinitas

**Wilson Aguiar:** Lavadeiras... Então esses operários né, com as suas, os seus corpos com suas afazeres, com seus formatos de ganhar dinheiro, eles formavam suas agremiações. Então a partir daí é que começa também essa coisa da Musicalidade, quando as bandas né, dos quartéis né as bandas tocavam nos coretos porque, Imagine que hoje você tem várias programações para a população, mas lá atrás eu tô falando até do Brasil colônia mesmo, quando as pessoas tinham a noite, chegava a noite mesmo O que que os governantes faziam para conter, para aquele pessoal não sair nas ruas fazendo baderna, eles colocavam os coretos nas praças e as bandas militares iam ofertar músicas para que elas comunidades né, então esses coretos que hoje estão lá nas praças eram utilizados nesse formato para ofertar a música de qualidade, uma música que vinha da Europa né, que na época foi inclusive até óperas que vinham para ser apresentada nos teatros nos grandes teatros do Rio de Janeiro, então o Recife foi pulverizado com essas músicas. E alguém, inclusive essas músicas eram paradas e ainda não era frevo, o frevo ainda tava nascendo, germinado ali aos poucos né ainda não tinha música frevo então aos poucos essas bandas militares e aos poucos essas bandas militares, alguém teve uma ideia de: - vamos dar um passeiozinho nessa rua para poder dar um dinamismo mais nessas apresenta...- aí saíram das praças saíram dos coretos fizeram uns cortejozinhos pequenos cortejos e eles perceberam que foi interessante a população gostou de sair andando nas ruas né escutando música e aí começou a aparecer esses cortejos, só que a coisa funcionou tão bem, que a multidão né, achou interessante e acompanhava, muita gente acompanhava esses cortejos. O que acontece, na época como a multidão era muito grande a dificuldade pra orquestra para as bandas militares passar era muito grande então eles contratavam aqueles negros que estavam nas ruas da cidade, para abrir espaço para aquelas pessoas, para aquela banda passar e a maioria daqueles negros no seu corpo os movimentos da capoeira né. E eles abriram espaço com movimento da capoeira. Só que isso foi tomando um formato tão forte que chegou um momento que existia duas três bandas marciais se encontrando em algumas ruas do bairro, porque a coisa tava funcionando tão bem, que outras bandas também começaram a fazer esse tipo de cortejo. Aí o que acontecia, que aquele grupo de capoeira, que protegia aquela banda militar se encontrava com

outro grupo de capoeira, que protegia outra banda militar, então aqueles movimentos de destreza acontecia confusão. Imagine hoje, aqui no Recife, quando termina um clássico do Santa Cruz e do Sport quando termina, sem explicação, que não existe lógica para isso, ele se... brigam, chega até morte. Então, naquela época também aconteciam as mortes. Vale registrar também que não foram só os Capoeiras tinha também os brabões tinha também as mulheres da vida que eram as raparigas naquela época né, do Porto do Recife, que ganhava a vida vendendo o corpo né, e elas se embriagavam e ficava também naquele fervor

**Francis Souza:** Funcionárias do amor

**Wilson Aguiar:** Funcionárias do amor, então a mulher já estava dentro desse universo.

**Francis Souza:** As mulheres que eram permitidas está na rua né, porque a mulher do lar elas não iam

**Wilson Aguiar:** As mulheres já estavam nesse contexto também, né?

**Francis Souza:** Então ela não é citada, na história ela não é citada.

**Wilson Aguiar:** Aos poucos né, é esse esse esse movimento ficou sendo chamado de Fervedouro esse movimento ficou sendo chamado de Fervedouro! - Olha tu vai para o Fervedouro? Que é aquela multidão que fica lá... você quando olha de longe, vê aquilo fervendo, fervendo. Então passou a ser chamado de Fervedouro né, e de Fervedouro, Fervedouro, Fervedouro, Fervedouro para cá, Fervedouro para lá, hoje a turma chama de frevo! Imagine que, ainda hoje, eu escuto algumas pessoas chamar vidro, a palavra certa é vidro, mas algumas pessoas chamam de *vrido!* Isso também aconteceu com o Frevo. Ao invés de fervo, de fervedor, a turma chamava de *Frevedor!* Então frevedor diminuíram um pouco e ficou frevo! Então essa palavra frevo, ela veio a ser utilizada a ser oficialmente né, estabelecida a partir de 1907, quando o jornal O Pequeno né, registrou pela primeira vez o frevo. Então a partir dessa data a palavra frevo se originou e a dança veio também nesse, nesse movimento evoluindo. Imagine que, Imagine que a violência ficou tão grande a frente das orquestras das bandas militares, que a polícia proibiu os capoeiras de defender, de abrir espaço pras orquestras, mas o que é que os Capoeiras faziam eles camuflavam, agora a capoeira, quando eles viam que tinha os policiais por perto, eles não fazia movimentos de capoeira e fazia um movimento doido lá qualquer que fugia da capoeira e gerava um movimento que a população achou bonito, algumas pessoas achava bonito e ficava copiando. Então hoje nós temos alguns movimentos da dança do frevo que foram realmente...

**Francis Souza:** A base da capoeira.

**Wilson Aguiar:** Contribuição da capoeira. Mas também tem os valentões que também contribuíram com alguns movimentos.

**Francis Souza:** E tem outros.

**Wilson Aguiar:** Então hoje, a dança do frevo, ela vem,

**Francis Souza:** A origem...

**Wilson Aguiar:** Vem com essa contribuição, dos Capoeiras dos valentões, das mulheres de... como é que tu fala da...?

**Francis Souza:** Damas da da noite,

**Wilson Aguiar:** Damas da noite!

**Francis Souza:** Funcionárias do amor...

**Wilson Aguiar:** Funcionárias do amor... então assim quando você colocou tudo isso no liquidificador deu o passo, que é a gente chama de a dança do frevo, e deu o frevo, que a gente chama de a música do frevo lembre que naquela época, a música que era tocada

**Francis Souza:** O compasso era mais...

**Wilson Aguiar:** Era o dobrado né, era o dobrado.

**Francis Souza:** O maxixe.

**Wilson Aguiar:** O maxixe.

**Francis Souza:** O dobrado e a polca.

**Wilson Aguiar:** Veja que o maxixe também foi proibido na época porque o maxixe é uma dança muito libidinosa. Então essas essas ditaduras do movimento aconteciam lá no passado né então a polca, o maxixe e o dobrado eram as musicalidades exercidas pelas orquestras pelas, inclusive, algumas bandas militares eram proibidas de tocar maxixe pela libidinidade que existia na época.

**Francis Souza:** Pegando isso aí, só um pedacinho, com esses proibições, os maestros foram tão sabidos, que começou... se você escutar um frevo, ela tem toda essa... ressoa o maxixe, ressoa polca né, ressoa o dobrado dentro das composições aí... nova e ninguém sabia dizer se se, se era um maxixe, uma polca ou um dobrado então não podia proibir.

**Wilson Aguiar:** Aí ó a iminência dessa coisa da Musicalidade da música frevo propriamente dita, que é hoje veio a partir do momento que nesses cortejos os Capoeiras fazendo aqueles movimentos de agilidade aquela destreza rápida os músicos, é, sinestesticamente, sinestesticamente contaminados por aquele movimento de velocidade começaram a acelerar o dobrado. Na aceleração do dobrado a gente tem hoje, o que a gente chama de frevo. Então a partir de 1910, 1920, essa música dobrado, ela foi acelerada e em função desse aceleração deixou de ser dobrado e passou a ser frevo. Hoje nós temos o frevo que é uma dança, é uma música binária, porque nós temos o quê? Nós temos a música, que ela é escrita, que é composta no ritmo binário, ternário e quaternário. A valsa por exemplo, é ternária né, então o frevo é binário. E só como curiosidade o binário ele tem a frequência da batida do coração. [Música] (pum du pum du pum) Então isso foi o gatilho para a população se apaixonar enquanto movimento e enquanto musicalidade dessa

coisa do frevo.

**Marina Fenício:** Ai que lindo!

**Francis Souza:** E também o corpo aí vem da capoeira, aí passa o cinema contribui também com esses movimentos e os e as grandes óperas porque muita gente faz: - Ah mas isso eu vejo na dança russa, isso eu vejo não sei o quê... Que era justamente isso, o que acontecia: Algumas pessoas têm o acesso ao cinema e via algumas imagens daquele pessoal dançando né, em preto e branco mas via dançando e como pernambucano é danado, ele gosta de um, de uma novidade ele copiava isso e colocava dentro dessa batida. Quando vinham as grandes, pronto as óperas russas que vinham para o Santa Isabel (teatro), né ele vinha para o Santa Isabel, então quem era professor de balé que tinha sua academia, os professores de balé que tinham suas academias, eles na década de 40 na década de 50, iam assistir e introduziam isso para dança, e isso outro que via, que olhava, queria copiar, que copiava e alguns movimentos, tantos movimentos do trabalhador como do movimento do tea...(risos) do... tanto do movimento do Trabalhador como do bailarino que ia ver essas óperas, tanto no cinema como no palco, houve essa mistura, aí chegava também quem vinha de fora dançar na década de 60, 50, tava dançando aqui, um bailarino que veio da Inglaterra ou da Rússia, e os russos são acrobatas na dança né, quem conhece a nossa luz sabe que eles são acrobatas, então todas as misturas de movimento de corpos com essa sonoridade do binário.

**Marina Fenício:** Que legal!

**Francis Souza:** A dança russa também é binária, aí vem muita gente "mas tem o russo..." Vem o negro que também vem do binário, a musicalidade afro também vem do binário. O indígena também vem do binário, essa mistura onde há uma mistura muito grande em Pernambuco por causa do porto, eu vou agora lá para história né! Aí você, a gente dos brincantes, a gente fez essa pesquisa, porque, vem da população mais negra, porque era onde chegavam... Chegavam em Pernambuco, São Paulo e Rio e Bahia. Então era daqui que ia chegando as novidades, quando chegava, minha mãe falava muito da *chegança*, ela disse que chegavam os marinheiros todos de branco, ela disse que levou a pisa do pai dela, porque foi assistir a "Chegança dos Marinheiros".

Vinham marinheiros de todo o canto do mundo, porque Recife, como portuário né, e aí vinham todo esse movimento. E quem não ia imitar? Né? - Ai vou fazer como... E foi surgindo esse movimento, esse corpo com esses movimentos que é universal, tem tudo na dança do frevo, tem tudo de todo canto dentro da dança do frevo. Aí é essa, dentro do grupo, ele tá sempre nessa pesquisa, de onde vem isso? Como vem isso? Porque...

**Marina Fenício:** Muito legal, muito legal o Francis...?

**Francis Souza:** Já que é história né, a oralidade da história né, histórias orais, ela vem quando a gente senta em rodas com pessoas mais antigas que contam, que relatam...é... Eita esqueci o nome do nosso jornalista Ele fala de carnaval... de... Fotografia... é a idade viu minha gente (risos)

**Marina Fenício:** Tranquilo, (risos). Eu ia perguntar para vocês como que vocês viram, como que vira mestre do frevo, eu sei que o Wilson é mestre, porque que Francis não é (risos) Como é que vira mestre do frevo? Porque dos outros (manifestações culturais populares), é mais comum né, mas do frevo não sei como



que é, queria saber...

**Francis Souza:** É repete, o frevo com...

**Marina Fenício:** Como que vira mestre, que eu sei que o Wilson é mestre, queria saber como que ele virou mestre e por que que Francis não é...

**Francis Souza:** Digo que ainda não sou mestre...posso ser do frevo, mas não da dança.

**Marina Fenício:** Como que se torna?

**Francis Souza:** Vamos lá: [n]o grupo a gente tem o que é ser mestre do popular, como o de rabequeiros ou do Côco, todos eles têm seus Mestres porque é uma tradição que passa de uma geração para outra, como o uso diz o pessoal do tai chi chuan, do kung fu, do karatê, eles têm seus alunos quando eles têm uma formação de alunos, eles se tornam mestre, eles são professores eles passam sua tradição para esse aluno. No caso da gente, a gente começou com a gente, nosso filho Paulo também começou de pequenininho, aliás de barriga, eu de barriga ele já dançava né e pequenininho ele chegava...

**Guillermo Gumucio:** Acho que caiu né.

**Mariana Leme:** Acho que sim

**Francis Souza:** Quando ele nasceu pegava o coador da cuscuzeira, que resolveu parece uma sombrinha, aí ele ficava brincando com aquilo ali já brincava com a sombrinha então, a gente já viu: - olha como gosta, como é bom brincar com isso... e a gente foi fazendo essa formação. Meu menino tá desde criança, é Mariana também né, vocês vão ver a lista das pessoas quando entrar lá no Instagram dos brincantes, as pessoas envolvidas, Maria Flor, então a gente foi agregando essas pessoas e ele foi tendo essa formação de alunos, onde esses alunos já são professores. Então o que para ser um Mestre? É quando ele passa esse conhecimento para esse aluno e esse aluno dentro desse conhecimento já agrega conhecimento, o nosso mestre quem foi? Foi Nascimento do Passo, aí a gente tem a metodologia de Nascimento mais a dos brincantes, dentro da nossa metodologia, nesse período a gente desenvolveu. Então como Mestres desenvolvemos junto com o grupo guiado claro, por Wilson essa metodologia e com essa metodologia, ele já é chamado de mestre, que é mestre da dança popular que passou esse conhecimento e nessa formação esses alunos dele, já tem alunos já que daqui a pouco são Mestres né. Daqui a pouco são mestres, que tá formando uma geração e assim vai. É como a tradição oral, que vai de um, para outro, de outro para outro, o movimento da dança e a história da dança também. Hoje o pessoal me chamou de mestre no frevo, mas pela introdução do lúdico dentro da nossa metodologia, por isso essa diferença de dançar solto, de dançar... porque a gente interpreta a música e interpreta a rua, e interpreta esses sentimentos musical né ela trabalha a questão do interior, desse, dessa dança ser levada de forma livre, que a gente tem um bordão dentro do grupo que é “praticando a felicidade”, estamos praticando a felicidade pegando esse mote e trabalhando isso e Wilson ele é especialista nesse formato todo, incluindo o passar o conhecimento da dança, da música, e desse movimento do passo, o que é um movimento translado, o que é o movimento em pé, de base, médio, alto, que são saltos, porque o salto, como é feito esse salto e assim vai a nossas aulas, e o lúdico... é maravilhoso, daqui a pouco eu explico mais do lúdico, aí deixa Wilson falar mais desse movimento do

corpo e daqui a pouco eu falo mais detalhes do lúdico.

**Marina Fenício:** Quer complementar Wilson como [é] que você virou mestre?

**Wilson Aguiar:** Bem, eu digo sempre que o Mestre é aquele que consegue fazer com que o seu discípulo lhe supere, ou seja quando o mestre consegue fazer com que o seu aluno supere o próprio mestre, então esse cara realmente é um mestre, porque ele, esse que superou o mestre ele vai dar continuidade né aquele trabalho daquele mestre porque você sabe que a gente nunca consegue fazer tudo ou chega ao fim da vida e você, caramba não tem mais tempo, mas eu queria fazer isso queria fazer isso então é necessário que quem vem acompanhando ele dê essa continuidade. Então se o mestre ou qualquer pessoa que está à frente de um processo de formação não tiver essa competência, ele pode até ser chamado de mestre mas não é um mestre de boa qualidade, digamos assim, então assim hoje com os meus 59 anos de idade muitas das pessoas nem consideram um mestre pela qualidade dos meus ensinamentos pela qualidade da forma com que eu faço as minhas informações os meus conhecimentos. Então isso é muito importante principalmente do ponto de vista da saúde porque quando você viveu uma boa parte da sua vida então você teve a oportunidade, você teve a possibilidade de observar os erros e os acertos, então você tem a obrigação de evitar com que aquele seu aluno caia no mesmo erro que você passou durante toda sua vida com pessoas inclusive irresponsáveis mas que ao mesmo tempo, ele tava ali passando informações, mas ele não tinha o conhecimento suficiente para evitar aquelas, aqueles erros por exemplo lesões... Como você transmitir seu conhecimento de movimento e ao mesmo tempo é fazer com que essa transmissão de conhecimento seja uma transmissão sem lesões, com a preocupação de evitar com que o seu aluno se lesione né, então quando eu comecei a passar os meus conhecimentos eu descobri que não sabia ensinar o passo e aí eu fui em busca, eu fui começar a estudar, fui começar a estudar biomecânica cinesiologia né as articulações do corpo porque isso, se você quer ser um bom vendedor você tem que conhecer bastante o seu produto né, para você não cometer o engano de vender um produto errado a pessoa, e a pessoa se lesionar né, então é por aí. Então dentro dessas pesquisas que a gente vai fazendo, a gente vai se aperfeiçoando. Então se o profissional ele tem uma certa capacidade o público a sociedade a comunidade percebe isso sem você precisar de tá falando, porque existe um termômetro que é uma referência entre várias pessoas. Então quando você é comparado com vários métodos as pessoas vão descobrir qual dos métodos é mais eficiente, Qual é a forma mais interessante, o que é que o seu corpo quer para fazer, então você vai para certas escolas e de repente não se identifica com determinadas escolas né. E vai chegar uma escola que, - não, é isso que eu queria para mim, é isso que eu queria para o meu corpo. Então quando você chega no ambiente onde o seu corpo né está de bem com aquele formato de movimentos, de alongamentos, de aquecimento, então você: - não eu acho que aqui é o meu lugar... então é a partir dessas, dessas, desses fatores que as pessoas começam a considerar, não, aquele, aquele rapaz aquele senhor é um excelente professor. - Eu gostei da aula dele, é uma aula educativa, é uma aula histórica, porque aí veja, a gente no grupo brincantes das ladeiras a gente não se preocupa só em passar os movimentos, a gente se preocupa em passar a história do frevo, a gente se preocupa em passar os movimentos da dança do frevo, a gente se preocupa em passar as músicas, das agremiações, os autores, os compositores, quer dizer você tem que passar para o seu aluno a noção e a sensação do pertencimento desse patrimônio que é genuinamente recifense, então enquanto você não tiver o vestindo a sua camisa, talvez você não esteja satisfeito é como se você tivesse que pedir uma camisa emprestada para dançar para ir para balada e o cara diz, olha toma eu empresto mas não sua muito não para não estragar. Então você vai com aquela camisa e você sabe que não pode fazer tudo, quando você tem uma camisa sua você dá e valendo porque você sabe que é sua e você faz o que você quiser. Então o frevo é nosso, é 100% Recifense foi criado

aqui então essa sensação de pertencimento é o que faz com que você, ative em você a vontade de conhecer mais e mais e mais.

Então quando você transmite esses conhecimentos de uma forma micro e macro, então você tem um respaldo técnico e um conceito no mercado e o conceito de mercado é exatamente esse título de mestre. Recentemente eu fui homenageado pela câmara municipal dos vereadores né internacional da dança né,

**Francis Souza:** E também em Olinda.

**Wilson Aguiar:** Em Olinda também, no dia do frevo em Olinda eu fui homenageado como um passista representante do dia do frevo em Olinda. Então é essas essas homenagens é o que faz mostrar a gente que, poxa eu tô no caminho certo, o caminho é esse mesmo. Então se o caminho é esse eu não tenho dúvidas que, quem tá me acompanhando, quem tá me seguindo não vai se machucar, não vai, só vai ganhar só tem a ganhar. Se quer aprender o frevo de uma forma correta, venha pro Brincantes das Ladeiras que você não vai perder nada

**Marina Fenício:** Ah então vou pegar o gancho, conta para nós mais do projeto, porque a gente queria saber assim né, além de assim, como que vocês mantêm essa energia do brincante no cotidiano de vocês, isso é uma coisa que eu quero saber muito, e como que surgiu esse projeto como que vocês tocam ele né a gente sabe que ele acontece nos fins de semana, aos domingos né, Francis sempre me contou, a gente viu no Instagram né e é aberto é um grupo aberto vocês fazem por vontade própria que a gente queria saber, assim se vocês têm auxílio do estado se vocês têm um grupo mais fixo, se vocês já tem algum retorno assim das pessoas que participam, quais são as consequências assim desse projeto, assim vai contando para nós um pouco dele...

**Francis Souza:** Primeiro a gente começou o projeto com as aulas mínimas né, ele tem aula e foi inserido dentro desse projeto das aulas, as atividades lúdicas onde depende mais um recurso financeiro aí... no começo do projeto em 2009, a gente começou esse projeto em 2009, os recursos era entre os amigos, comprava sombrinha, 2 a 3 anos depois, aí a gente colocou Bambolê, corda,

**Marina Fenício:** Eram jogos né?

**Francis Souza:** É que a gente utiliza no aquecimento para o método, primeiramente a gente começa com musicalidade Mariana vai entender que são de arte, vocês que são de arte vai entender que, para funcionar, a primeira coisa que tem que estar funcionando é a respiração, então eu na área de arte educadora comecei a colocar essa questão do respiratório, tem que aquecer o pulmão e a garganta para respirar bem, respirando bem teu corpo vai tá bem. Aí foi quando nisso o mestre disse então a gente vai solfejar, vamos começar com os hinos, de solfejar agora a gente já canta então isso foi recursos só, isso entre amigos e a mesma coisa para o corpo, vamos pular corda, bambolê... Porque como era uma área aberta e muitas escolas ela vinha na coisa muito ainda, naquela coisa da década de 80 que vinha muito rígido, força o passo é assim, é mais rápido era muito pancadão aí o povo vai correr né em pleno século XXI ninguém quer mais saber disso...

Vamos pro lúdico? Aí hoje nas aulas e eu já chego na questão as mães os pais e os cuidadores chegam para fazer aula para trazer os filhos, mas quem faz as aulas são eles, que começa a pular corda brincar de bambolê e assim

**Mariana Leme:** Não entendi, as aulas elas acontecem então no espaço aberto, numa praça, um lugar aberto ou num lugar fechado?

**Francis Souza:** É numa praça, numa praça.

**Mariana Leme:** Que legal

**Francis Souza:** Chamada Praça Laura Nigro, que também é uma compositora de frevo, ela e o marido. Inclusive a gente tem um neto dela lá fazendo aula com a gente, e isso é aberto, então quando é um lugar aberto, as pessoas têm mais vergonha de se expor quando elas estão brincando, não elas brincam tanto com a corda com bambolê que nesses exercícios a gente já começa a colocar o passo do frevo quando a gente vê, já estão aquecidas para dançar aí quando começa o mestre dá os passos eles já estão ali, tão nem ligando, porque começaram com brincadeiras, já se envolveram, porque a brincadeira, a brincadeira de rodas as brincadeiras que vêm da criança, ela tem essa ideia do agregar essa é a história mais legal de dentro do grupo que a gente chama de encontros, vamos nos encontrar para brincar de frevo né, então nem se encontra a gente brinca a gente canta, a gente dança, a gente pula corda, a gente brinca de bambolê, a gente brinca até de pega-pega não sei se em São Paulo se é assim que chama de pega-pega né, a gente isso de todas as idades temos alunos todos juntos, desde os que idade tem Lia? Três, três anos até 70, 80 anos tem uma senhorinha de 80 ela não dança mas ela canta ela vai lá e canta os hinos com a gente então tem que ter essa dinâmica de várias idades que a gente não separa do pequeno, da criança, do vovô é netos e vovós juntos, netos sabe todos juntos, praticando essa felicidade. Então já começa com essa prática começou com os amigos de todas as idades. Então essa prática é com todo mundo junto não separa no começo tinha essa separação, criança era num grupo adultos, no outro, aí não adiantava a criançada ficava olhando para o mestre... Mestre estava lá, e eu - vamos aqui, não sei o que... mas aí a gente agregou a criançada junto com os adultos, eu tomo conta deles na frente, que tem passos que eles ainda não conseguem fazer aí eu vou lá como Educadora como eu sou, vou lá - não, não, tenha paciência, você vai chegar lá... E a gente vai lidando. Quando você vê eles estão todos dançando. Quanto à contribuição, no início era com os grupos, Hoje graças ao Pix, mas a gente pede contribuição a gente diz: - ó colabora com quanto quiser. e até hoje temos padrinhos né, alguns padrinhos eles chegam lá com material dão sombrinhas, dão dinheiro, sabe a gente hoje com as redes sociais é mais fácil pedir, acho que de 2012 para cá, a gente conseguiu ter padrinhos para financiar, mas a gente não tem apoio do governo não, tem tudo com recurso próprio e graças a Deus dá para ir mantendo não estamos ricos, mas dá para ir mantendo a gente paga, Fulano saiu tarde hoje deu uma apresentação já dá para tirar um dinheiro para pagar o Uber, mas agora a gente tá entrando em projetos né. O grupo tá fazendo 14 anos hoje a gente tem uma formação boa porque, alunos que entraram como crianças, hoje são instrutores, não só tá eu e o Wilson mas existe um grupo instrutores, a gente tem instrutor de música, de canto, instrumentos e tem do corpo físico. Mariana que a gente chama de Maine, ela dentro do, ela entrou aos 13 anos de idade, hoje ela tem formação em educação física, ela se formou em educação física e tá já tá como bombeira civil já tá fazendo mil coisas para cuidar do corpo do grupo, ela cuida né. A gente tem Maria Flor que é musicista, é multiartista, temos Eduardo dos Santos né, não: Nascimento. Eduardo Nascimento é o outro é Eduardo Nascimento que também é instrumentista né e cuida ensina e assim a gente tá desenvolvendo todo o patrimônio dentro do grupo Brincantes das Ladeiras e dentro dos projetos agora a gente já tá no carnaval né, graças a Deus já recebemos os cachês de Recife, do carnaval, que era uma coisa Mariana sabe que é uma coisa muito Temporada e agora já tá sendo mais rápido graças

a Deus as novas políticas culturais tá melhorando aqui em Pernambuco então a gente tá seguindo, mas é através de doações mesmo, do pix e de eventos, que a gente se apresenta também damos oficinas fora da aula e damos palestras e as apresentações nos palcos e nas ruas e nas escolas, a gente tá levando esse material para as escolas. Isso é uma contribuição muito grande. Como tá tudo voltando agora nova gestão né o governo do estado ainda tá a gente ainda levando algumas coisas mas o prefeito né João Campos ele tá dando uma abertura maior, tá melhorando muito, e essa ideia e tem o passo do frevo né, o que a gente ainda leva mais material que é do IDG, que a gente leva ainda mais coisa para lá, inclusive a gente vai ter uma ocupação em julho sobre tudo isso que a gente falou aqui lá no Passo do Frevo. Então a coisa já tá evoluindo bem graças a Deus amadurecendo né.

**Marina Fenício:** Que lindo! só uma última pergunta eu vou fazer para vocês, eu acho que, né assim a gente já conseguiu muita coisa linda de vocês. Como que vocês mantêm essa energia, essa motivação essa brincadeira aí aflorada dentro de vocês porque o mundo capitalista né, ele é tão doido vai sugando a gente né, vocês já trouxeram várias dificuldades né e outras profissões que vocês fazem né como francês falou que agora tá no novo espaço linda maravilhosa E aí né, assim como que vocês fazem, e mantêm essa energia do brincante né, assim porque, vocês estão levando uma tradição né? Como que vocês se sentem assim como que...

**Francis Souza:** Eu vou para mim né eu Francis como brincantes das Ladeiras é porque a gente brinca que a gente pratica a felicidade, aí a energia vem! É tão legal quando a gente tá na aula que faz ciclo final que tá todo mundo assim, ó, não tem dinheiro que pague ver o outro feliz! É isso que nos move, né. É isso que me faz sair correr o sábado, eita tem esse figurino para entregar, mas tem aula de quatro horas eu tenho que estar lá no sábado, no domingo... porque domingo a gente frequenta os cortejos e no sábado é aula prática. Então a gente corre, corre, corre para chegar lá e passar tudo isso e conversar e abraçar o amigo e perguntar se ele tá bem, como é que tá, hoje, mas vai passar, vamos dançar um pouco, vamos brincar, se não quiser fico olhando... Porque ninguém é obrigado a nada sabe, aí esse é dividir, é isso que eu tenho com outro. Quando eu vejo Lia, Lia tem 3 anos ela tá lá, ela pega, mal consegue passar a sombrinha, aí ela para olha e dá aquele sorriso dá um sorriso ai pronto, já pagou! Já pagou a aula! Já pagou, porque eu sei que aquilo foi transmitido. Então é isso que alimenta. Como Wilson disse no início, tô ficando emocionada, (risos) é isso, a gente alimenta a nossa alma com isso, é isso que acontece, então a gente fica feliz!

**Wilson Aguiar:** Eu parto do princípio né, até arrisco em dizer e deixa até registrado aqui, que os Brincantes das ladeiras não é um grupo de dança né, aí você pode perguntar, mas como assim? Os Brincantes das Ladeiras é um grupo que dança né, é um grupo *que* dança, não necessariamente de bailarinos, de dançarinos, mas é um grupo que dança. Bom se é um grupo que dança é porque esses elementos que estão naquele grupo, que a gente normalmente não chama de grupo, chama de coletivo, porque vem outros grupos fazer essas vivências com a gente, porque já temos um certo conceito no mercado de dança, de música... Então essa coisa do dançar por gostar é o que faz com que a gente consiga né, essas energias para viver o dia a dia mesmo, essa coisa de cada um tem a sua atividade de conseguir inclusive sobreviver financeiramente falando, utilizando o frevo como uma válvula de escape, a melhoria da qualidade de vida. Você veja que lá trás, só para falar um pouco nessa coisa do lúdico, lá atrás os praticantes do frevo, da dança frevo, também não eram dançarinos eram pessoas comuns que trabalhavam né, eram estivadores, eram trabalhadores do porto, eram carvoeiros, eram lavadeiras... então aquelas pessoas tinham suas atividades, ele não eram dançarinos, mas eles se encontravam nos cortejos tomava suas cachaças tomava suas água mineral que não

era água meio normal e dançavam dançavam para extravasar felicidade né.

**Francis Souza:** Até a raiva né?! Eu hoje vou botar o mal pra fora... Isso é praticar a felicidade!

**Wilson Aguiar:** Então hoje, como é que a gente consegue fazer com que essas pessoas que nos seguem né nos Brincantes das Ladeiras, como é que a gente consegue fazer com que essas pessoas entre na mesma vibe da gente? Quando a gente começou a ensinar a dança do frevo, nós percebemos que muitos deles tinham dificuldades, mas por que tinham dificuldades? Porque lá atrás as pessoas eram mais, é... trabalhavam mais com o corpo, atividade era mais física, hoje atividade é mais mental, é o controle remoto é o raciocínio é a interpretação. Então como que você vai cobrar para aquele aluno fazer um determinado movimento sem que ele tenha uma certa resistência? Às vezes você pega um aluno que ele até tem uma certa flexibilidade para fazer certos movimentos, mas só flexibilidade às vezes não é o suficiente. Por exemplo se ele for flexível mas ele não tiver flexibilidade articular ele vai se lesionar, então você identificando isso, você vai fazer um trabalho de fortalecimento nas articulações daqueles, daquele, daquela pessoa para poder aqueles, aqueles tendões né, aqueles nervos né estabilizadores daquela articulação ficar mais forte e não fazer com que ele lesione um joelho, lesione um punho, um dedo. Então essas preocupações todas a gente teve que pesquisar um pouco de cinesiologia, biomecânica, aí a gente começou a colocar esse lúdico nas aulas. Porque a gente descobriu que quando o cara pula corda porque, imagine que vai começar a aula, agora vamos fazer 70 né polichinelo o cara: - eita lá vem exercício... Quando ele tá pulando corda, ele já tá se aquecendo, cognitivamente a gente já tá passando para aquela pessoa certos movimentos que ele vai usar em alguns passos sem ele perceber, quando a gente fizer pular a corda agora aí ele vai pular corda, sem a corda agora, pula corda, sem a corda, que é que ele vai dizer? Ele vai pular corda, aí pronto esse passo é o passo tal, ele já fez o passo sem perceber. Então essa ludicidade né, e esse trabalho de cognitividade fez com que a gente, opa o caminho é esse, e ao mesmo tempo a gente se condiciona para brincar com esse brinquedo que é o frevo, que a gente gosta no carnaval todo fim de semana, que nós em Olinda temos orquestras que tocam todo fim de semana como a Oséas, como é a orquestra Henrique Dias, como Babá,

**Francis Souza:** Henrique Jovem...

**Wilson Aguiar:** A Henrique Jovem, como orquestra que tá surgindo agora que é a orquestra do Avesso.

**Francis Souza:** Paranapuca.

**Wilson Aguiar:** Paranapuca, todas essas orquestras, porque o frevo agora deixou de ser sazonal e quando o frevo deixou de ser sazonal, a responsabilidade para os formadores né, porque os Brincantes das Ladeiras, é importante dizer que, os brincantes da Ladeira eles são formadores de multiplicadores da dança do frevo, então também são, e também são formadores de foliões de pessoas que vão beber daquela, daquele, daquela, daquela orientação para brincar, mas brincar de uma forma correta, brincar de uma forma correta. Então assim dentro de todo esse caldeirão né, depois que o frevo ganhou o título de patrimônio cultural imaterial da humanidade em 2012, concebido pelo concedido pela , a responsabilidade da gente aumentou muito, porque você agora divulgou um produto, e quem vem para aqui conhecer esse produto ele tem que enxergar, tem que ver, tem que ver como é que é isso então, nós que estamos à frente do processo, temos que saber como mostrar. E como é que eu vou ensinar um frevo a um gringo, eu primeiro eu tenho que saber o limite

dos corpos dele, para poder será que ele dá para fazer determinado passo? não dá! Então já não vou subir, submeter ele a um determinado passo, porque eu sei que eu vou lesionar uma pessoa e não é isso que eu quero, eu quero que ele saia daqui gostando do que aprendeu e não dizer: - ah então tô todo quebrado, eu me quebrei é muito difícil, eu não quero... se você mostrar que é difícil a coisa não se prolifera, não então é muito por aí... Então essa coisa da gente se preocupar com o corpo também nos ajuda a gostar mais ainda né, porque a gente entende que a gente faz com facilidade, porque a gente se aquece a gente se alonga, então fica fácil e a gente vai gostando mais e quem, e quem tá acompanhando a gente adora, porque a gente como Francis disse, nós utilizamos o frevo como uma ferramenta de melhoria da qualidade de vida e a nossa proposta na verdade é de angariar amigos para brincar né, o frevo, o frevo é só um pretexto né. Então é muito por aí, essa coisa da dança que deixou de ser sazonal e agora é uma dança, a música do frevo agora é música popular brasileira, assim como a música de Beethoven e tantos outros músicos importantes no mundo o frevo também é uma música instrumental.

Porque nós temos na divisão do frevo, nós temos o frevo de bloco né, nós temos o frevo canção e nós temos o frevo de rua, e o frevo de rua ainda se subdivide em frevo coqueiro, frevo ventania e frevo abafo. Então quando você vem aos brincantes das ladeiras você vai aprender a dançar o frevo de bloco, você vai aprender a dançar o frevo de canção, e você vai aprender... você sai dançando frevo coqueiro, frevo abafo e frevo ventania, quer dizer, são essas modalidades que faz com que você se orgulhe do que sabe, porque o mundo todo tem sede desses conhecimentos, mas é importante você saber transmitir isso, porque você pode traumatizar as pessoas sem saber passar determinado movi..., é bem por aí... o que move essa energia em mim é exatamente a vontade de dançar e a sensação de estar fazendo, tá praticando o patrimônio que é genuinamente recifense e que é meu! Eu não posso nem dizer que é meu mais, porque agora, como, como eu falei há pouco, ele é da humanidade e quando você diz da humanidade, é a responsabilidade é grande então é muito, eu me orgulho muito de ter no corpo né esse conhecimento, para mim é de é de uma alegria muito grande pegar uma pessoa querendo aprender, poxa para mim é muito, eu ensino com todo prazer! A questão do dinheiro se você vai ser pago, se você não vai, isso aí é detalhe, é consequência... Eu quero que a pessoa saia feliz da vida porque, se você tem felicidade sobrando, porque você não distribui para as pessoas? Porque você vai ser egoísta ao ponto de não distribuir as felicidades que você tem sobrando? então a ideia da gente é essa é fazer reuniões de amigos para ver quem tem felicidade demais e fazer a comunhão dessa felicidade, é muito por aí...

**Marina Fenício:** Eita que são mestre mesmo...(risos)

**Francis Souza:** Quando a gente olha os alunos, hoje Maine é instrutora, hoje a gente também tem ela e Sofia, que começou com a idade de Maine, que também tá se envolvendo que a gente ó: "no futuro vai ser uma mestra..." Isso também é muito gratificante. E aí a gente vê no aluno, eles crescendo, se desenvolvendo, ali junto do grupo e é o que dá energia. Ir lá ver meu povo, eu vou ver o povo, a gente vai encontrar, vamos brincar junto, vamos dançar junto, é isso que move né.

**Marina Fenício:** E aí quando é carnaval né, explode né?

**Francis Souza:** Ai Meu Deus do céu, sabe o que é que acontece? Aí a gente chega quer brincar, por isso que a gente se acaba nas prévias,

**Marina Fenício:** Eu amo prévia!

**Francis Souza:** Não é?! Quando chega as prévias, você se acaba nas prévias porque chega o período de carnaval, a gente vai se apresentar nos palcos, aí a gente pede pra botar... Ai meu Deus, eu queria tanto brincar... Aí todo ano a gente se promete em dizer que não vai se apresentar, mas não tem jeito não, povo liga pra gente, vocês não se inscreveram, olha venham para cá... Aí eu digo: "É né, fazer o quê..."

**Marina Fenício:** E dá um dinheirinho né?

**Francis Souza:** Aí a gente tem que ir. E depois de uma pandemia dessa, de uma crise dessa, a gente não tá muito no luxo não sabe...

**Wilson Aguiar:** Então fazendo um resumo dessa coisa toda e quando você perguntou lá atrás o que é necessário para ser um mestre né, então é por aí, quando você os Brincantes da Ladeira hoje eles têm né, os brincantes em conjunto criaram um método que a gente chama de método BDL né, que é que é um método da transferência do conhecimento da dança do frevo que ele trabalha exatamente nesses limites de não lesionar as pessoas né, então nós criamos um método o método BDL. Nós também criamos uma sombrinha, que é a sombrinha, a melhor sombrinha do mundo! Digo isso sem medo de errar, se você quiser a sombrinha você vai lá, sombrinha profissional de frevo arroba, sombrinha profissional de frevo, essa sombrinha é a melhor sombrinha do mundo! Porque veja o frevo ganhou o título de patrimônio cultural imaterial da humanidade concedido pela Unesco em 2012, e como presente para o frevo eu desenvolvi eu, enquanto desenhista Industrial peguei todas as falhas da sombrinha de frevo que hoje existe e fiz uma sombrinha totalmente revolucionária, e é testada foi testada pelos melhores passistas daqui da região e foi aprovado então quer dizer, é a melhor sombria do mundo... Então esse foi também, também uma parte da herança que a gente está deixando para o Frevo. Então quando você soma a qualidade da transferência dos nossos conhecimentos, quando você soma alegria com que a gente transmite nossos conhecimentos, quando você soma a sombrinha que é específica para dança do frevo, quando você soma um método BDL, e quando você soma essa energia que a gente busca de um, busca de outro, quando você coloca tudo isso junto isso é o que nos move para dar continuidade a essa brincadeira né, a esse, a esse brinquedo, que é o Frevo, que a gente, que o nosso terreiro é a rua né. Então isso é o que nos move e que nos deixa concatenados para dar continuidade a essa história enquanto, enquanto o patrimônio né.

**Francis Souza:** Ele falou na sombrinha uma observação que eu faço muito, que é uma uma das indumentárias da dança do frevo e hoje ela né, tá, todo mundo conhece o mundo todo já conhece a sombrinha de leve Wilson é uma maravilha ela é direcionada mesmo para o passista de Frevo. Aí e esse objeto ele também vira brinquedo né, O mestre Wilson mesmo ele trabalha com duas sombrinhas, aí a gente já tem alunos, Heitor mesmo né, então tem 11 anos, já tá fazendo igual mestre tentando fazer né, trabalhar as duas sombrias e vira do lado, vira do outro, vocês vão ver nos nossos vídeos lá no Instagram do grupo.

**Wilson Aguiar:** Hoje os Brincantes das Ladeiras a formação de hoje é vamos começar por Francis né, Francis Maine, Ingrid, Maria Flor, Ellen Sophia, Priscila Siqueira, Heitor Miranda, Márcia Cena, Duardo e o mestre Wilson né. Então esse grupo né, é que faz a formação hoje que dá continuidade atualmente a essa história do método BDL né, da ludicidade das aulas então,

**Francis Souza:** E são contribuintes de toda essa metodologia desde o mais velho ao mais novo que é Heitor.



Hellen tem 14 né?

**Wilson Aguiar:** Por isso que a gente chama de coletivo, né? Porque aí a gente recebe pessoas que vem assim como vocês, tiveram curiosidade de nos questionar as pessoas vêm para questionar e para praticar né, então a gente é bem aberto, a gente diz sempre que a gente é um grupo que não tem portas

**Francis Souza:** É verdade.

**Wilson Aguiar:** Não tem, é só passar...

**Marina Fenício:** É se a gente estivesse aí, a gente ia fazer uma aula com certeza!

**Wilson Aguiar:** Pode montar uma turma aí que a gente vai e passa!

**Marina Fenício:** A distância né, a gente compartilha, eu sou a precursora eu vou lá...(risos)

**Wilson Aguiar:** Fica inteiramente à vontade aí, é só montar...

**Marina Fenício:** É uma boa ideia, boa ideia...

**Francis Souza:** Tem no instagram, tem no Facebook e tem um pedaço...

**Marina Fenício:** Ia perguntar isso, se a gente pode colocar alguns vídeos que estão lá em fotos nessa montagem...

**Wilson Aguiar:** Pode!

**Mariana Leme:**

Daí a gente manda para vocês aprovarem a montagem final, eu fiquei imaginando agora que você falou o nome dele...

**Marina Fenício:** Travou.

**Mariana Leme:** Enquanto falava do Heitor, com as duas sombrinhas, a gente podia botar um vídeo do Heitor com as duas sobrinhas, sabe?

**Guillermo Gumucio:** Eu pensei nisso, eu pedi para ele mostrar também aí se tivesse, porque é uma sombrinha diferente é isso? Pelo que eu entendi de trabalho

**Marina Fenício:** Voltou Fran.

**Mariana Leme:** Eu tava falando que quando você descrevia o Heitor com as duas sombrinhas ia ser super legal ver o vídeo dele enquanto você fala.

**Francis Souza:** Tem vídeo de todos Maine falou.

**Wilson Aguiar:** Esse vídeo é para quando?

**Mariana Leme:** Tem duas semanas ainda.

**Wilson Aguiar:** Talvez ela não consiga essa imagem de Heitor, a gente podia mandar alguns vídeos aí na aula amanhã.

**Marina Fenício:** Manda

**Mariana Leme:** Sem pressa, pode mandar para a gente ao longo da semana.

**Francis Souza:** Sábado tem aula.

**Wilson Aguiar:** A gente manda alguns vídeos aí vocês escolhem.

**Mariana Leme:** Tá ótimo.

**Francis Souza:** Não tá tudo lá não, a gente tem outros vídeos.

**Marina Fenício:** Manda, pode mandar pra mim.

**Wilson Aguiar:** No meu perfil que tem alguns vídeos lá você pode até gostar de alguns, @mestrewilsonaguiar. @brincantesdasladeiras. ou da sombrinha

**Marina Fenício:** Travou a sombrinha droga, eu quero essa sombrinha profissional vou mandar lá no grupo, Wilson @sombrinhaprofessionaldofrevo. Gente muito obrigada vocês estão me ouvindo?

**Francis Souza:** Sim, estamos.

**Marina Fenício:** Para poder...

**Francis Souza:** Estamos estamos, o áudio tá bom.

**Marina Fenício:** Vou mandar. Mas é isso né foi eu ia só finalizar...

**Francis Souza:** É sombrinha de frevo sombrinha...

**Marina Fenício:** Será que a gente vai conseguir finalizar? é tão ruim né, tá me ouvindo? Tá travando um pouquinho. Vamos finalizar então, eu queria agradecer vocês, está travando né mas a gente assim ficou muito feliz, ai meu Deus falar devagar...

**Mariana Leme:** Será que se você mandar um áudio...

**Wilson Aguiar:** Não sei se você fica escutando da gente? Quando eu trago a vocês...

**Marina Fenício:** A imagem de vocês estava travando agora...

**Guillermo Gumucio:** Voltou, voltou agora

**Marina Fenício:** Rápido então a gente quer agradecer muito...

**Guillermo Gumucio:** Não, não é do lado de lá mesmo vocês para mim então mas acho que eles estão te ouvindo, viu?

**Marina Fenício:** É engraçado isso da pandemia vou escrever aqui, sabe, dizer algo...

**Francis Souza:** Agora tô ouvindo.

**Marina Fenício:** Aprendemos muito, a gente quer agradecer falar que vocês são maravilhosas, morrendo de vontade de voltar e ver vocês com certeza vai ficar lindo, vocês ajudaram muito a gente, vai ajudar a gente a divulgar o frevo...

**Francis Souza:** A gente que agradece, vocês que gostaram do nosso trabalho, muita gratidão também.

**Marina Fenício:** Obrigada gente, vou mandar um áudio para vocês então boa noite muito obrigada!

**Guillermo Gumucio:** Obrigado, boa noite obrigado até mais até o...

**Wilson Aguiar:** Obrigado, até a próxima.

**Marina Fenício:** Muito obrigada!